



Revisitar a antropofagia, imaginar mundos

STERZI, Eduardo. *Saudades do mundo: notícias da Antropofagia*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2022. 238p.

Publicado pela Editora paulista *Todavia* em 2022, ano de intensas querelas acerca do legado da *Semana de arte moderna* de São Paulo que, então, completava seu centenário, a discussão proposta por *Saudades do mundo: notícias da antropofagia*, de Eduardo Sterzi, desloca, no entanto, o debate. Talvez porque seu objeto seja outro, o que pode ser entrevisto na forma pela qual o autor caracteriza o romance/rapsódia *Macunaíma*, de Mário de Andrade, ao objetar aqueles que o leram como “alegoria da formação nacional” (STERZI, 2022, p. 82): não apenas porque inexistiria ali um *éthos* pessoal ou coletivo, uma vez que estes são interditados pela máxima “nenhum caráter do herói” que produz, por sua vez, um *éthos* “mutante, deslizante e combinatório” (STERZI, 2002, p. 82), sabotando, assim, o ímpeto alegórico; mas, principalmente, porque tal leitura não compreende que, “à época de sua composição (1926) e publicação (1928), o modernismo brasileiro

Resenha

João Guilherme Dayrell*

ORCID: 0000-0002-9941-7708

E-mail: joaogdms@gmail.com

Recebido: 02/10/2023

Aprovado: 23/10/2023

vivia já a sua grande crise interna, culminando na proposta oswaldiana da Antropofagia, cujo mote principal” é, conclui o crítico, “uma variante radical do *nenhum-caráter macunaímico*: ‘só me interessa o que não é meu’.” (STERZI, 2002, p. 82). Trata-se, talvez forçando um pouco, menos de um debate sobre o modernismo que sobre o momento no qual ele se torna estranho a si mesmo.

Poderíamos ir além. As “notícias da Antropofagia” são prometidas somente no subtítulo, estando o título, diferentemente, fazendo remissão às “saudades do mundo” sobre as quais, no entanto, leremos somente do décimo capítulo. Aliás, é apenas quando chegamos em uma análise da questão da abertura à escuta na obra de João Guimarães Rosa, no nono capítulo, que saímos dos diversos desdobramentos das poéticas e políticas mais ligadas ao eixo central do modernismo paulista, a saber, Oswald e Mário de Andrade, aos quais se soma uma leitura da obra de Raul Bopp; ou seja, que paramos de ter notícias desse modernismo em crise que nos traz um *Macunaíma* ou uma “Revista de Antropofagia”. Findada a análise do escritor mineiro chegamos, finalmente, ao capítulo “O errante, a terra”, no qual Sterzi retira do poema *O Guesa* (1884), de Joaquim de Sousa Andrade, a expressão “saudades do mundo” – advinda das experiências de degredo e perambulação –, usando-a, entre outros, para friccionar o indianismo em crise do poeta maranhense com os procedimentos e intervenções do artista contemporâneo mineiro Paulo Nazareth. A conclusão é a seguinte: “aquele

¹ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com período sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS).

que sente ‘saudades do mundo’, e vai ao mundo justamente para matar essas saudades, sente falta não apenas do mundo que foi, mas também, talvez sobretudo, do que virá” (STERZI, 2022, p. 186).

Poderíamos propor que há, aí, um diálogo muito interessante com o poema “Cantiga de ninar”, incluído por Carlos Drummond de Andrade em *Claro enigma*, de 1951, e usado por Sterzi como epígrafe de *Saudades do mundo*, no qual se lê: “sejamos como se fôramos/ num mundo que fosse: o Mundo” (ANDRADE *apud* STERZI, 2022, p. 5). No primeiro verso temos um movimento similar àquele atribuído à “saudade”: estando o verbo “ser” no imperativo e, na última palavra, no pretérito, produz-se, igualmente, um movimento bifronte, acenando, concomitantemente, tanto ao futuro quanto ao passado. Lembrando que, na mesma obra, Drummond, poeta cuja “parcela mais importante de sua obra” seria, nas palavras de Sterzi, uma “deliberada absorção e superação dialética das matrizes formais e figurativas do modernismo de Mário e Oswald” (STERZI, 2002, p. 75), traz uma outra figuração do mundo: desta vez, como uma espécie de objeto da imensa “Máquina”, que domina todos os recursos da terra, engolfando-os numa estranha ordem geométrica de tudo. À sua oferta o eu-lírico, no entanto, manifesta uma recusa, seguindo sua caminhada – marca tanto do Guesa, de Sousândrade, quanto de Paulo Nazareth – pela estrada pedregosa de Minas.

Ora, no ensaio *A prova dos nove*: alguma poesia moderna e a tarefa da alegria, publicado em 2008 e precursor de *Saudades do mundo*, como este livro frisa logo na sua “Introdução”, Drummond é requisitado em meio a um comentário a João Cabral de Melo Neto devido à deliberada figuração da melancolia em sua poesia. O olhar de Otto Maria Carpeaux ajuda, aqui, a leitura de Sterzi, especialmente quando propõe que o poeta mineiro teria conseguido fugir do “imobilismo melancólico” (CARPEAUX *apud* STERZI, 2009, p. 43) em direção à angústia. Se, para Sigmund Freud, a melancolia se instalaria precisamente quando o luto já não possui mais objeto, poder-se-ia sugerir que o movimento drummondiano teria a seguinte configuração: ao passo que mantém a consciência do objeto perdido – ao lado da melancolia estão as mercadorias; posteriormente, a Ilha de Manhattan e, noutro momento, a Terra engolfada pela imensa máquina, para ficarmos em alguns exemplos –, imagina e produz, por outro lado, outros, como a flor que rompe o asfalto ou a orquídea antieuclidiana. Um mundo findo, destruído pelo capitalismo; mas um porvir que, no entanto, aí já estava como potência, engolfada, contudo, pela violência. Tarefa esta que teria, finalmente, seu embrião no modernismo de Mário e Oswald, a exemplo do *Macunaíma* que, ao fim e ao cabo, “é história do massacre”, segundo a conclusão de Sterzi, e, ao mesmo tempo, “a história de um desejo de sobrevivência e libertação”, engendrando, com isso, uma “voz do que não tem mais voz, imagem do que não tem mais imagem” (STERZI, 2022, p. 84)

Portanto, este modernismo fora de si, em crise, é ponto de incidência contumaz de uma lógica bifronte e paradoxal que, por sua vez, é menos a essência, origem ou *telos* de uma empresa formativa que um cruzamento anacrônico de poéticas que, em razão dos procedimentos que engendram, são afins. Lógica a qual não se chega, frisa-se mais uma vez, sem uma explícita politização: o que se coloca logo no capítulo de abertura, no qual Sterzi aborda o enlace, tecido pela experimentação, entre arte e vida na poética de Oswald de Andrade. Seu motor não é outro, como aponta, que “o esforço constante” de Oswald “para se libertar dos preconceitos e recalques de uma educação católica e conservadora no seio da elite paulista” (STERZI, 2022, p. 16) Este olhar crítico à moral da aristocracia cafeicultora que buscava sua modernização parece culminar, como temos no segundo capítulo, em uma posição crítica em relação a todo e qualquer ímpeto de homogeneização, o que leva a associação da Antropofagia ao conceito de *máquina de guerra* exposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari nos *Mil platôs* – é ainda mais interessante notarmos que tal conceito é extraído da etnografia de Pierre Clastres. Mediando coisa e outra há Décio Pignatari, de *Contracomunicação*, de 1971, que usa Oswald para propor uma “Teoria da

guerrilha artística” baseando-se, entre outros, no projeto abandonado pelo escritor de produzir um “Manifesto zumbi” cujo objetivo seria o de impedir a institucionalização do modernismo, isto é, seu engolfamento pelos “aparelhos de Estado”.

Se, portanto, a Antropofagia é máquina de guerra, multiplicação do múltiplo, sua relação com patrimônio cultural que liga a América à Europa não pode se dar na forma de uma tábula rasa, procedimento típico das vanguardas. Assim como também ela não pode se pretender uma mera inversão da balança comercial como queria, aliás, não apenas a oswaldiana *Poesia Pau-Brasil*, de 1924, como também a *gramatiquinha* proposta por Mário de Andrade. Diferentemente, ela lança uma visada renovada sobre a tradição, como comprova a leitura, mapeada por Sterzi, que Oswald realiza de Dante Alighieri ao longo de sua obra. Além disso, e como figura no “Manifesto Antropófago”, a ideia de nacionalidade já não consta em seu horizonte, em consonância, aliás, com o mundo não datado e sem rubrica que reivindica. Portanto, pouco se demanda uma nova gramática, uma nova lei – o que, como sugere Sterzi, implicaria também uma nova metafísica –, mas, antes, uma *agramaticalidade*, o que quer dizer menos uma exterioridade a toda gramaticalidade, o que seria impossível; que sua renovação constante, ou, melhor: a abolição da lei em benefício da aventura, segundo a leitura que se faz de “A única lei do mundo”, de Alexandre Nodari. (Se lembramos do “Sermão da epifania”, de 1662, Antônio Vieira, autor zombado no “Manifesto”, notamos que há uma correlação íntima entre gramática – as línguas sem “F”, “L” e “R” – e não só metafísica mas, especialmente, uma onto-teologia política cujo produto é o racismo, suporte da dominação.)

Para além de sua relação com a lei, a *agramaticalidade* teria, na poesia, sua manifestação mais notável, uma vez que o jogo que ela estabelece é com a própria dissolução da linguagem, remetendo, com isso, a um recomeço, ou, em última instância, à infância – *in-fans* indica o não falante, aquele que não fala –. Daí teríamos não apenas a poesia de Oswald mas, também, a de Raul Bopp que, apesar de sua visão nacionalista da antropofagia, produz, ao longo do tempo, tal lógica não somente no poema, mas, especialmente, em sua reescrita que empreende ao longo de sua vida, realizando, finalmente, uma recriação constante de sua própria produção, isto é, um retorno sempre diferenciado. Ao que chegamos na contumaz irrupção de formas que propõe o *Macunaíma*, de Mário de Andrade, isto é, esta primazia da metamorfose contra fixidez ontológica – embora, como frisa Sterzi, Mário jamais tenha aderido à Antropofagia; sendo Oswald, diferentemente, que vê em *Macunaíma* realização da hipótese antropófaga. Irrupção que, como comentado, não deixa de denunciar um massacre (e aí uma afinidade entre Mário de Andrade e Euclides da Cunha), oferecendo, como já sinalizado, voz à falta – que seria, também, faltar a si, falha em ser. Por isso, mais que uma metamorfose, que poderia ser pensada como mera mediação da passagem do ponto inicial ao final, uma metametamorfose, isto é, a própria transformação enquanto tal.

Da voz, então, passamos à escuta em Guimarães Rosa que, no conto “Makine”, publicado no suplemento de *O jornal*, em 1930, ainda se mostrava um tanto surdo às falas indígenas. Até que, em 1954, isto é, dois anos antes de *Grande sertão: veredas* e durante a escrita do conto “Meu tio o Iauaretê”, publica o artigo “Uns índios (sua fala)” – cujo título Sterzi usa para nomear o capítulo mudando, no entanto, a expressão para o plural, resultando em “suas falas” –, de 1954, no qual, diante da intraduzibilidade das línguas indígenas que passa, um tanto absorto, a escutar, exhibe aquela que seria divisa para um leitor de poesia e, no limite, “para os inquilinos da terra” (STERZI, 2022, p. 160), na expressão de Sterzi: “jamais entender de todo, sem desistir, porém, de tentar entender” (STERZI, 2022, p. 160). Até que chegamos no comentado capítulo que dá título ao livro, no qual Sterzi cita o segundo canto d’*O guesa*, de Sousândrade, notando a recorrência no poema da rima de “erra” (do verbo errar) com “terra”, que remeteria à errância tanto do protagonista

quanto do próprio poeta que produz uma terra “sem limites, sem fronteiras” (STERZI, 2022, p. 181) Daí, portanto, sua finidade com o artista mineiro Paulo Nazareth que, numa de suas ações artísticas intitulada “Notícias de América” passa, caminhando com um chinelo de dedo e sem jamais lavar os pés, por todos os países da América Latina até chegar nos EUA levando, com isso, a poeira do mundo subdesenvolvido para se misturar com as águas do Rio Hudson, em Nova York. “O que Paulo Nazareth nos ensina é que, ao contrário do que lemos no poema de Sousândrade, não há ‘último Guesa” (STERZI, 2022, p. 185), conclui o crítico: se a saudade, portanto, é não só de um mundo que foi, mas, de um que virá, ou melhor; se o Guesa não acabou e, se, como prova Nazareth, há outros Guesas por vir, haveria, então, mundo por vir? Pergunta que, especialmente agora, quando as mudanças climáticas são a realidade do presente, faz-se ainda mais urgente ao passo que se torna um tanto mais difícil de ser respondida.

Ela, no entanto, teve sua especial formulação como título da obra que o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro e a filósofa Débora Danowski publicaram em 2015. *Em Saudades do mundo*, o penúltimo capítulo é dedicado às fotografias de Viveiros de Castro, nas quais há, também, o testemunho desta indagação, isto é, da dúvida sobre um mundo por vir devido à possibilidade de seu fim – pelo qual, aliás, os indígenas vem passando desde o assim chamado descobrimento: “essas fotografia”, diz Sterzi ao analisar algumas imagens, “apreendem um certo desalento, uma certa melancolia do índio convertido em pobre, mas também a esperança do que vem (...)” (STERZI, 2022, p. 201) É com este por vir, poderíamos propor, que se encerra o livro, num dos seus momentos mais radicais. Trata-se do último capítulo “O antropófago”, escrito em meio à pandemia do Coronavírus, como afirmou o autor numa fala no Insituto de Letras da UFRGS, em 2023. Num só parágrafo que não ocupa mais que duas páginas, cerca de três frases imensas atravessadas por parênteses e travessões que as concedem algum respiro, uma intempestiva contra-definição deste antropófago: antes um *aglomerado indígena-alienígena* que um indígena propriamente dito; longe de toda identidade, o antropófago é como uma criatura de ficção que emerge em meio a um teatro dialético do eu e do outro. Espécie de vírus laboratório – o laboratório, aqui, seria a própria ficção? –, ele fura a imunidade do sistema não para fazê-lo adquirir suas próprias características, tal como faria o vírus do fascismo, mas o descaracteriza, tal como o Macunaíma, com a força do impróprio, ou seja: trata-se, afinal, de uma força contra-identitária que desativa “impérios concorrentes da mentira e da verdade” (STERZI, 2002, p. 207).

Resultado de um concurso para a promoção à categoria de livre docente de Teoria Literária no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP – Sterzi tem mestrado em Teoria da Literatura pela PUC-RS e doutorado em Teoria e História Literária pela UNICAMP –, *Saudades do mundo*, no entanto, acolhe uma leitura menos acadêmica sem, para isso, perder a complexidade. Talvez pela brevidade dos capítulos, o que também o permite transitar com desenvoltura entre a teoria e a crítica literária alcançando, em algum ponto, o comentário de jornal ou em rede social, sem que isso, como dito, resulte em algum prejuízo. Matiz que também poderia remeter, vale dizer, à atividade como poeta do autor, que publicou *Prosa* (2001) e *Aleijão* (2009), entre outros, no campo da poesia; e, do teatro, *Cavalo sopra martelo* (2011). Ou, ainda, a uma segurança no trato com o tema que possibilita um alto grau de condensação das inferências, já que produziu outros trabalhos sobre o modernismo e seus desenvolvimentos como *Do céu do futuro: cinco ensaios sobre Augusto de campos* (2005) ou “Drummond e a poética da interrupção” (2002), presente no livro *Drummond revisitado* – havendo um por vir que seria o livro *A semana e o século: nas ruínas de 22*, em parceria com Verônica Stigger.

Ademais, o poder de síntese de *Saudades do mundo* é irreduzível à extensão dos capítulos, estando inserido já em suas escolhas, isto é, no modo como posiciona o olhar, o que parece ser central para sua contribuição, especialmente se considerarmos sua publicação em 2022. Afinal,

como dito, temos, de fato, menos um debate sobre o modernismo que sobre o momento no qual ele se torna estranho a si mesmo porque, afinal, esta é a lógica do que aqui se chama de Antropofagia, assim como esta parece ser a lógica da poesia, da própria arte, segundo Sterzi. Assim como, por fim, esta lógica deveria ser sorte de *éthos* da relação da humanidade com a Terra. Uma vez que nos tornarmos sempre estranhos a nós e, portanto e em alguma medida, alienígenas, implica em nos tornarmos errantes da maneira mais radical possível. Seria assumir a única lei do mundo, a lei do antropófago: de que tudo é devoração, metamorfose, ou, mais precisamente, metametamorfose. Enfim, como se aplicássemos uma vacina contra o vírus do fascismo, sempre reinventado e trazido à baila novamente pelo capitalismo que, como uma metástase, promete levar ao colapso o corpo no qual se instala e, com sua máquina narcísica de produzir identidade, engolfa. Corpo que, neste caso, é não só a própria Terra, mas os múltiplos mundos: o que já se perdeu e os que poderiam ser imaginados.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos Drummond de Andrade*. Poesia completa e prosa. Volume único. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973.

ANDRADE, Mario de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica coordenada por Telê Porto Ancona Lopez. Coleção Arquivos UNESCO, 1988.

DANOWSKI, D. & VIVEIROS DE CASTRO, E. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, Instituto Socioambiental, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 1997. v.5

FREUD, Sigmund. “Luto e Melancolia”. In: *A história do movimento psicanalítico*, Artigos sobre a Metapsicologia e Outros Trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006.

STERZI, Eduardo. *A prova dos nove: alguma poesia moderna e a tarefa da alegria*. São Paulo: Lumme Editor, 2008.

_____. *Saudades do mundo: notícias da Antropofagia*. São Paulo: Todavia, 2022.

VIEIRA, Padre Antônio. *Sermões*. Tomo 1. Organização: Álcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2014.